

## POLÍTICA DA NATUREZA – JARDIM DE BORBOLETA - SERTÃO

Meneses, Caio.

Vamos voltar para casa,  
Pra nossa mãe natureza,  
Quero sentir que sou asa  
Sem precisar avião.  
Vamos pescar a pureza  
No poço da ilusão,  
Lá vai ter vida à vontade,  
Nem precisa cidade  
Pra morar no coração.

Uma família de flores  
De tanta delicadeza  
Trabalha coando as cores  
Que passam pra natureza.  
Modernizam seu curtume  
Para ter sempre um perfume  
Se misturando no ar  
O cheiro a dispor do vento  
Vai dizendo o alimento  
Que é servido no pomar.

Uma raposa parida  
Em uma sombra de Lua  
Continua a sua vida  
Na vida que não é sua.  
Durante os primeiros dias  
Alimenta suas crias  
Com temperos naturais,  
O leite mina aquecido  
Como se fosse fervido  
Pelos fogões maternos.

As aves de pedacinhos  
De galhos que já viveram  
Conseguiram formar ninhos  
Onde os seus filhos nasceram.  
Sem calcular as bagagens  
Ou as diversas viagens  
Ao mundo dos vegetais,  
Nos provam que a natureza  
Se mantém numa pureza  
Que não enxergamos mais.

Os formigueiros trabalham

De maneira tão bravia  
Que os alimentos encalham  
Nas reentrâncias da via.  
Percorrem sob o verão  
Atrás de cada quinhão  
Que alimente aos demais,  
A natureza á a crítica  
Para que nossa política  
Pense como os animais.

Eu admiro demais  
A borboleta voar,  
Quem durante toda a vida  
Só pôde se rastejar  
Talvez seja que mais saiba  
Qual o valor de lutar

A borboleta no ar  
Chega voa diferente.  
Quem se deixa pelo vento  
Pra entender sua mente,  
Goza de tanta inocência  
Que pousa na nossa frente.

A lagarta no feijão,  
Depois que o inverno pega  
Parece que chega cega  
De tanta satisfação.  
Consegue voar o chão  
De sua felicidade.  
Aproveitando a idade  
Nem pensa no que não sente,  
Como que se fosse a gente  
Nadando na mocidade.

Eu fico me caducando:  
Como pode o mesmo ser  
Se rastejar pra viver  
E depois sair voando?!  
Será mesmo nos provando  
Os dotes da realeza?  
Pra tamanha sutileza  
Não sei se cabe arquiteto.  
Quem não quis fazer o teto,  
Fez o céu da natureza.

Entrando uma borboleta  
Na sua casa, receba,  
Pois talvez ela só beba  
E volte para o planeta.

Mesmo a coisa estando preta,  
Procure a felicidade.  
A borboleta, à vontade,  
Escolheu a sua casa.  
Quem sofreu pra criar asa  
Entende de liberdade.

Eu não vou me atrever  
Em falar da migração  
Que acontece no sertão  
Quando é tempo de chover,  
Mas todos conseguem ver  
As borboletas migrando,  
É quando elas tão voando  
Numa mesma direção  
Deixando uma impressão  
Que as flores tão se mudando.

O que deverá pensar  
Uma borboleta, quando  
Encontra na sua frente  
Uma lagarta mudando?  
Esse mundo não é meu,  
Deixa ele lá se pensando.  
Não tem coisa melhor que ir chegando  
Numa casa que vive do roçado  
E o cheiro do milho cozinhado  
Já está no terreiro se espalhando,  
Como se estivesse convidando  
A pessoa que chega, pra entrar.  
Quem não teve o prazer de visitar  
Uma boa família do sertão,  
Vai morrer sem saber que o coração  
É o melhor canto de aconchegar.

Eu defendo o meu sertão  
Que após a terceira chuva,  
Começa a passar saúva  
Nas plantações de feijão,  
E o camponês ergue a mão  
Pra receber energia,  
Sai pra o trabalho de dia  
Só volta de tardezinha  
Quando plantou batatinha,  
Feijão, milho e melancia.

Eu defendo um pé de serra,  
Onde um riacho pequeno  
Junta e espalha um sereno  
Que ajuda a arar a terra,

E entende a guerra  
Como a civilização,  
Pois a guerra no sertão  
É pra plantar e colher  
O que der para comer  
E enfrentar o verão.

Defendo um semideserto  
De chuva pouca e tardia  
Juntar no final do dia  
A vizinhança por perto,  
Pois um do outro é coberto  
De respeito e oração,  
Que se em um tiver feijão  
No outro tiver arroz,  
Cozinha um baião de dois  
Pra começar o baião.